



NO RASTRO DOS CAÇADORES

Sean Taylor

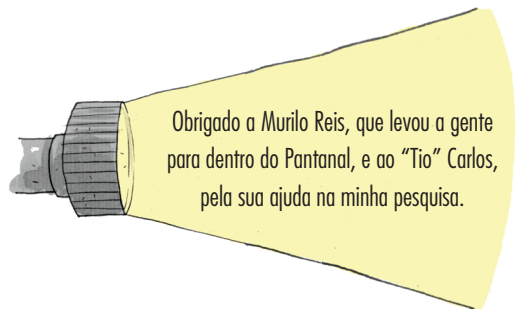


Ilustrações ***Eduardo Medeiros***

tradução ***Rafael Mantovani***

ea
editora ática

Título original: *Alligator Swamp*
Título da edição brasileira: *No rastro dos caçadores*
© Sean Taylor, 2003



This translation of *Alligator Swamp* is published by arrangement with Pearson Education Limited.

Gerente editorial	<i>Claudia Morales</i>
Editora	<i>Anna Angotti</i>
Editora assistente	<i>Lavínia Fávero</i>
Assistente editorial	<i>Thaíse Costa Macêdo</i>
Estagiária	<i>Thais Rimkus</i>
Coordenadora de revisão	<i>Ivany Picasso Batista</i>
Revisoras	<i>Liliane F. Pedroso</i> <i>Luciana Soares da Silva</i>

ARTE	
Editor	<i>Vinicius Rossignol Felipe</i>
Diagramador	<i>Claudemir Camargo</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T242n

Taylor, Sean, 1965-
No rastro dos caçadores / Sean Taylor ; ilustrações Eduardo Medeiros ; [tradução Rafael Mantovani]. - São Paulo : Ática, 2010.
88p. : il. - (Vaga-Lume Júnior)

Tradução de: *Alligator Swamp*
ISBN 978-85-08-12761-0

1. Pantanal Mato-Grossense (MT e MS) - Literatura infantojuvenil. 2. Crime contra o meio ambiente - Amazônia - Literatura infantojuvenil. 3. Caça - Amazônia - Literatura infantojuvenil. 4. Literatura infantojuvenil inglesa. I. Medeiros, Eduardo. II. Mantovani, Rafael. III. Título. IV. Série.

09-5669. CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12761-0 (aluno)
ISBN 978 85 08 12762-7 (professor)
Código da obra CL 736941

2013
1ª edição
5ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2010
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 — CEP 02909-900 — São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 — atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



NO RASTRO DOS CAÇADORES



O inglês Anthony veio passar o Natal no Brasil e acabou conhecendo o Pantanal.

Lá, ele ficou amigo do menino Pedrinho e de três jacarés: Preto, Morena e Amarela.



Isso mesmo! Jacarés. Eles vão ajudar os garotos a enfrentar os caçadores que andam tirando o sossego do lugar.



Que coragem! Mal posso esperar para acompanhar esta aventura. Vem comigo?



Conhecendo

Sean Taylor



Foto: arquivo pessoal

Nascido na região inglesa de Surrey, em 1965, Sean Taylor tem uma forte ligação com o Brasil. A mulher dele, Adriana, é paulistana. Atualmente, os dois moram em São Paulo, mas também passam alguns períodos na Inglaterra.

Sean estudou Literatura Inglesa na Universidade de Cambridge, foi professor no Zimbábue, África, trabalhou como jornalista, deu aulas de alfabetização para adultos e oficinas de como escrever de forma criativa para crianças em escolas da Inglaterra e do Brasil. Publicou seu primeiro livro — uma antologia de poemas para adultos — em 1992. A estreia na literatura infantojuvenil foi em 1994. Desde então, publicou mais de 25 livros para crianças e adolescentes, entre eles Quando nasce um monstro e Cobra-Grande, também lançados no Brasil. Sean já conquistou diversos prêmios no exterior e, em 2009, foi um dos finalistas do Prêmio Roald Dahl, que elege os livros ingleses mais engraçados do ano.

No rastro dos caçadores foi inspirado por uma aventura que Sean e Adriana viveram no Pantanal. O guia deles, Murilo Reis, conhecia cada curva dos rios e era amigo de três jacarés — como o Pedrinho da história que você vai ler. Sean consultou dois ambientalistas brasileiros sobre a natureza da região e também recebeu ajuda de um tio de Adriana que foi fazendeiro. Foi ele que explicou para Sean, por exemplo, como se laça um bezerro, cena que aparece neste livro. O autor acredita que viver aventuras em lugares incríveis e imaginários — como acontece nos livros — é tão importante quanto aprender a escrever as palavras corretamente. E esse é o motivo que o faz escrever para jovens.



Sumário

1. Fazenda Arara	7
2. Barulho de bichos	11
3. Mister	13
4. Pedrinho	18
5. É assim que se faz	22
6. Clak! Clak!	26
7. O segredo do Pedrinho	30
8. Morena	33
9. Si... Lu... Ei-tor...	36
10. A sucuri	40
11. Provavelmente nada	44
12. Chama a polícia!	48
13. Vou voltar lá pra dar uma olhada	52
14. Pesca de verdade	56
15. Rabo de chicote	61
16. Você não ficou com medo?	64

17. <i>O problema do Alberto</i>	69
18. <i>Eles são apenas garotos!</i>	73
19. <i>Deixa a correnteza te levar</i>	77
20. <i>Vocês não me enganam</i>	81
21. <i>Puf!</i>	85

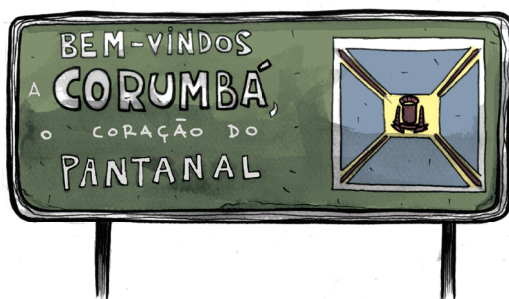
1 Fazenda Arara



— Vocês acabam de chegar a um dos lugares mais selvagens do mundo — disse o Luís, pegando a mala dele. A minha mãe foi na frente, e eu, logo atrás dela. Era meia-noite e faltavam poucos dias para o Natal. Quando a gente saiu do avião, o ar parecia um aquecedor soprando bem na nossa cara.

— Nossa! — exclamou a minha mãe, se abanando com a revista de bordo.

Do outro lado da pista de aterrissagem, havia uma placa em que se lia:



Enquanto a gente andava em direção à placa, eu sentia os mosquitos zumbindo ao redor dos meus olhos.

Um homem baixo, de rosto moreno, ombros largos e um bigode quase do tamanho de uma escova veio nos receber. Ele ajeitou o chapéu gasto de couro e apertou nossas mãos. O Luís disse que ele se chamava Alberto e era o capataz da fazenda. Os dedos dele eram pesados e grossos e, quando se agachou para pegar nossas malas, notei que ele tinha seis cartuchos de espingarda enfiados no cinto.

O Alberto jogou nossas coisas na caçamba de uma caminhonete velha e abriu a porta amassada para a gente entrar. Todo mundo se apertou do lado dele no banco, e pegamos a estrada. Uma espingarda gasta estava apoiada no painel. Abri a janela. Tudo cheirava a



terra, e estava tão quente que algumas pessoas assistiam TV na rua, sentadas do lado de fora das casas.

No começo, a estrada era boa, mas, assim que a gente deixou a cidade pra trás, o caminho começou a ficar cada vez mais esburacado. Não vi nenhum outro carro passar. A minha mãe pôs a máscara de dormir que distribuíram no avião e pegou no sono. Eu fiquei acordado, meio que escutando o Luís e o Alberto conversar.

O Luís é meu padrasto. Ele é brasileiro e diz que é muito rico. Eu tinha 6 anos quando ele e a minha mãe se casaram, lá na Inglaterra. No dia do casamento, ele me beijou mais do que o meu pai verdadeiro me beijou a vida inteira. A minha mãe quer que eu goste dele. E eu gosto... mais ou menos. Ele até que é engraçado. Uma vez, um amigo da minha mãe perguntou se tinha hipopótamos no Brasil, e ele respondeu:

— E por acaso tem pinguins no palácio de Buckingham?

O Alberto ficava de olho na estrada e respondia as perguntas do Luís com voz grave e firme. O céu estava cheio de estrelas e, ao longo da estrada, vi trechos de água escura.

— Este é o Brasil de verdade! — disse o Luís, dando um apertão no meu braço. — Está ouvindo os bichos?

— Estou ouvindo os mosquitos — respondi.

— Cuidado. Eles adoram sangue inglês! — falou o Luís, sorrindo.

A gente já tinha morado um ano no Brasil, em São Paulo, quando eu tinha 7 anos. Estudei numa escola brasileira e aprendi a falar português. Quando o Luís me disse que a gente ia passar o Natal no Brasil, a primeira coisa que eu perguntei foi se a gente ia visitar meus velhos amigos. Ele fez que sim com a cabeça e disse:

— Mas primeiro vamos passar três noites numa fazenda do outro lado do país.

— Fazenda? Que tipo de fazenda?